

## Fazeres e Saberes de Mulheres que se Utilizam de Plantas Medicinais em Práticas de Curas na Amazônia Tocantina no Pará

*Prácticas y Saberes de Mujeres que Utilizan Plantas Medicinales en Prácticas Curativas en la Amazonía Tocantina de Pará*

*Practices and Knowledge of Women who use Medicinal Plants in Healing Practices in the Tocantina Amazon in Pará*

**Benedita Celeste de Moraes Pinto**

**Daniela Daniele Rodrigues Gaia**

**Renata Ferreira Siqueira**

**Resumo:** Este trabalho trata das vivências e dos saberes cotidianos de mulheres que utilizam plantas medicinais no município de Cametá, no Pará, região da Amazônia Tocantina. O estudo baseia-se em uma pesquisa de campo, de natureza qualitativa, obtida através de entrevistas e conversas informais com mulheres que fazem uso da medicina popular baseada na utilização de cascas, plantas e óleos de plantas medicinais. Dados da pesquisa apontam que a prática da medicina tradicional realizada por mulheres também pode ser vista como uma fonte de renda para o sustento da sua família, uma vez que algumas mulheres, consideradas as guardiãs desses saberes, preparam banhos, pomadas e garrafadas para vender, sendo, pois, uma forma de gerar renda extra para ajudar na alimentação e nos produtos básicos de suas residências.

**Palavras Chave:** Mulheres. Fazeres. Saberes. Práticas de Cura.

**Resumen:** Este trabajo aborda las vivencias y saberes cotidianos de mujeres que utilizan plantas medicinales en el municipio de Cametá, en Pará, en la región amazónica de Tocantina. El estudio se basa en una investigación de campo, de carácter cualitativo, obtenida a través de entrevistas y conversaciones informales con mujeres que utilizan la medicina popular basada en el uso de cortezas, plantas y aceites de plantas medicinales. Los datos de las investigaciones indican que la práctica de la medicina tradicional realizada por las mujeres también puede ser vista como una fuente de ingresos para sustentar a su familia, ya que algunas mujeres, consideradas guardianas de estos conocimientos, preparan baños, ungüentos y frascos para vender, por lo que es una manera de generar ingresos extras para ayudar con alimentos y productos básicos en sus hogares.

**Palabras Claves:** Mujer. Haciendo. Conocimiento. Prácticas curativas.

**Abstract:** This work deals with the daily experiences and knowledge of women who use medicinal plants in the municipality of Cametá, in Pará, in the Tocantina Amazon region. The study is based on field research, of a qualitative nature, obtained through interviews and informal conversations with women who use folk medicine based on the use of barks, plants and oils from medicinal plants. Research data indicate that the practice of traditional medicine carried out by women can also be seen as a source of income to support their family, since some women, considered the guardians of this knowledge, prepare baths, ointments and bottles to sell. Therefore, it is a way to generate extra income to help with food and basic products in their homes.

**Keywords:** Woman. Haciendo. Knowledge. Healing practices.

**Benedita Celeste de Moraes Pinto** – Pós Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UFMT (PROCAD Amazônia - Capes -2019). Atualmente é professora Adjunto A da Universidade Federal do Pará, lotada no Campus Universitário do Tocantins/Cametá. E-mail: [celpinto18@gmail.com](mailto:celpinto18@gmail.com)

**Daniela Daniele Rodrigues Gaia** – Graduada em História (2018) pela Universidade Federal do Pará (2023). Possui pesquisa na área de História, com foco em História Contemporânea e História do Brasil com ênfase em temas como: História da Amazônia; relações de gênero; memórias; cultura; oralidade.

**Renata Ferreira Siqueira** – Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará (2015) - Campus Universitário do Baixo Tocantins/Cametá. Especialista em Educação Inclusiva no Campo pela Universidade Federal do Pará/Cametá (2019) e Língua Brasileira de Sinais - UNIASSELVI (2023).

## INTRODUÇÃO

Este trabalho trata das vivências e dos saberes cotidianos de mulheres que se utilizam de plantas medicinais no município de Cametá, no Pará, região da Amazônia Tocantina, na perspectiva de analisar, por meio de narrativas que entrelaçam suas histórias, memórias, práticas e vivências, o caráter cultural e social atravessados pelas práticas de curas com plantas e ervas medicinais, saberes tradicionais carregados de ensinamentos e aprendizados, que contribuem para o cuidado da saúde das pessoas nessa região.

Metodologicamente, o estudo buscou apoio teórico em obras de autores que se voltam para questões relacionadas a saberes e práticas de curas tradicionais. Da mesma forma, foi realizada a pesquisa de campo, mediante realização de entrevistas e conversas informais com mulheres que fazem uso da medicina popular baseada na utilização de cascas, plantas e óleos de plantas medicinais.

Nessas condições, refletir acerca das histórias dessas mulheres, de seus fazeres e saberes é de suma importância, devido à necessidade de se reconhecer e valorizar a participação feminina no uso de plantas medicinais, imbricado por inúmeros ensinamentos. Conforme afirma Zuleika Alambert (2004), desde a Antiguidade, as mulheres que trabalhavam utilizando plantas medicinais faziam para sobreviver e gerar sua autonomia, posto que:

Desde a Antiguidade até nossos dias, as mulheres sempre se bateram para sobreviver fisicamente, para defender um lugar que lhes foi escamoteado, para adquirir sua autonomia física e espiritual e sua libertação como ser humano. Nesse processo belíssimo, para não submergir de vez, elas conservam o antigo amor na natureza e às antigas formas de compartilhar e não tomar, de proteção em lugar de opressão, e visão de poder como responsabilidade e não domínio. (ALAMBERT, 2004, p. 66)

A partir desse modo de sobrevivência, conforme defende Alambert (2004), é interessante pensar como essas mulheres utilizam seus saberes tradicionais como forma autônoma de sobrevivência. Lembrando-nos que as lutas das mulheres não são novas, mas vêm se constituindo ao longo dos anos, apresentando-se de diversas formas, especialmente no que concerne aos tipos de relações respeitadas que estabelecem com a natureza.

Os papéis dissolvidos pelas mulheres entrevistadas são dinâmicos e constantes, uma vez que a execução das atividades domésticas, seja nos seus lares ou fora deles, também oportunizam contatos com o ato de plantar as ervas, coletar ou, até mesmo, na preparação dos remédios. Em vista disso é que suas histórias de vida e vivências cotidianas são enveredadas pelos ecos resistentes das suas memórias e das suas ancestrais, conhecidas pelo revisitar de suas lembranças, que, a partir da oralidade, contam suas memórias, vivências e saberes aliados ao uso da medicina popular. Portelli (2000, p. 43) tem razão ao afirmar que a história oral é imprescindível na pesquisa, por estudar “a memória de indivíduos como um desafio a essa memória concentrada em mãos restritas e profissionais”, na medida em que as fontes orais:

[...] contam-nos não apenas o que o povo fez, mas o que queria fazer, o que acreditava estar fazendo e o que agora pensa que fez. Fontes orais podem não adicionar muito ao que sabemos, por exemplo, o custo material de uma greve

para os trabalhadores envolvidos; mas contam-nos bastante sobre seus custos psicológicos. (PORTELLI, 1997, p. 31)

Atentas a essas recomendações de Portelli (1997), durante as atividades de pesquisa de campo, foi possível dialogar, de forma mais estreita, com três mulheres, cujas narrativas estão entrelaçadas de memórias, histórias e saberes acerca do uso da medicina popular baseada na utilização de cascas, plantas e óleos de plantas medicinais. Deve-se ressaltar que todas as mulheres entrevistadas assinaram o Termo de Esclarecimento de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que autoriza suas falas e imagens neste estudo.

O trabalho coletivo das mulheres entrevistadas é realizado em oficinas nas comunidades e nos contatos com pessoas enfermas, sobretudo, quando buscam curar os males do corpo com chás, banhos, infusões ou garrafadas, entre outros. Nesse sentido, suas atividades são desenvolvidas em grupos de mulheres, que disseminam o conhecimento popular através das plantas medicinais, proporcionando, dessa maneira, que os conhecimentos culturais e medicinais, advindos da terra e da floresta, alcancem cada vez mais pessoas, resultando em autonomia e sustentabilidade para aquelas que se identificam e se dedicam a manipular plantas medicinais.

Dessa forma, as plantas que curam têm auxiliado na prevenção e no cuidado de doenças das pessoas na região da Amazônia Tocantina, onde a natureza fornece a alimentação e ajuda a viver e a sobreviver. Isso porque são folhas, raízes, cascas e frutos que auxiliam no tratamento de diversos tipos de doenças, evitam e previnem o não adoecimento, dado que uma planta pode servir para curar várias doenças nessa região.

Trata-se de um aprendizado histórico, social e cultural, pelo qual cada povo, cada grupo social desenvolve conhecimentos de diversas formas. Em decorrência disso, valorizar a memória e registrar esses relatos, como é o caso das mulheres entrevistadas/colaboradoras do presente estudo, tornam-se fundamentais para que seus saberes não desapareçam. Isso dado que o conhecimento científico, aliado ao conhecimento tradicional, tem complementado estudos a respeito do uso e da manipulação das plantas medicinais, prosseguindo com esse processo tão rico de vivências e experiências.

É imperioso mencionar que as mulheres sempre foram invisibilizadas no processo histórico-social por uma historiografia eurocêntrica que visava tão somente “aos grandes feitos”, reforçando a materialização de uma imagem do homem como provedor do lar. Em vista disso, era comum o discurso relacionado às atividades que as mulheres desempenhavam, as quais, embora gerassem renda, eram inferiorizadas ou não eram mencionadas.

Análises feitas com base nos estudos de Pinto (2004; 2010; 2012), Perrot (2017) e Portelli (2016) possibilitam inferir que esses “silêncios” historiográficos são rompidos quando viabilizamos escutar as histórias e as memórias dessas mulheres, as suas estratégias de vida e a relação que estabelecem com a natureza e com as plantas medicinais, que garantem geração de renda com a venda dos produtos e das infusões curativas que elas preparam.

Atuando nesses fazeres e saberes, elas conseguem garantir a subsistência de suas famílias ou, até mesmo, iniciar um pequeno negócio, capaz de assegurar suas respectivas autonomias. Diante disso, a relação feminina com a natureza tem gerado sustentabilidade às mulheres, que se expressam em formas de reagir e resistir, utilizando seus saberes frente aos problemas sociais enfrentados cotidianamente.

## 1. Mulheres e a Arte da Reinvenção Histórica

A Amazônia possui muitas histórias, com personagens diversos, únicos e carregados de muitos saberes. Nessa lógica de tentar romper com o processo de invisibilidade feminino durante o processo histórico, neste estudo, oportunizamos o ressoar dos ecos das vozes resistentes das mulheres amazônidas do município de Cametá, região da Amazônia Tocantina. Acerca disso, Sharpe (1992) afirma que, por um longo tempo, a história apenas valorizava os “grandes feitos”, direcionando-se para uma “história da elite”. No mesmo sentido, segundo Perrot (2017):

Muitas vezes observou-se que a história das classes populares era difícil de ser feita a partir de arquivos provenientes do olhar dos senhores – prefeitos, magistrados, padres, policiais... Ora, a exclusão feminina é ainda mais forte. Quantitativamente escasso, o texto feminino é estritamente especificado: livros de cozinha, manuais de pedagogia, contos recreativos ou morais constituem a maioria. Trabalhadora ou ociosa, doente, manifestante, a mulher é observada e descrita pelo homem. Militante, ela tem dificuldade em se fazer ouvir pelos seus camaradas masculinos, que consideram normal serem seus porta-vozes. A carência de fontes diretas, ligada a essa mediação perpétua e indiscreta, constitui um tremendo meio de ocultamento. Mulheres enclausuradas, como chegar até vocês? (PERROT, 2017, p. 171)

Nessa seara, Perrot (2017) evidencia a dificuldade de achar as histórias femininas e populares em documentações. Observa-se, dessa maneira, que, nas sociedades, principalmente as ocidentais, existe o predomínio de uma história de dominação masculina, pois eram os próprios homens que escreviam a história. Por isso, a história de mulheres se tornava secundária, assim como seus feitos como sujeitas históricas eram deixados de lado em prol de uma história factual patriarcal.

Contudo, segundo Dias (1995), a historiografia das últimas décadas favorece uma história social das mulheres, por se voltar para a memória de grupos marginalizados do poder. Isso porque novas abordagens e métodos adequados libertam, paulatinamente, os historiadores de preconceitos atávicos, abrindo espaço para uma história microsocial do cotidiano: a percepção de processos históricos diferentes, simultâneos, e a relatividade das dimensões da história linear, de noções como progresso e evolução, dos limites de conhecimento possível diversificam os focos de atenção dos historiadores, antes restritos ao processo de acumulação de riqueza, do poder e à história política institucional (DIAS, 1995 *apud* PINTO, 2004).

Por outro lado, a partir da História Oral e do revisitar de memórias e lembranças, mediante a história de mulheres nas comunidades quilombolas da região do Tocantins, figuras emblemáticas como Felipa Maria Aranha, liderança feminina do quilombo Mola ou Itapocu, Maria Luiza Piriá e tantas outras mulheres amazônidas que resistiram e elaboraram – e elaboraram – suas próprias histórias em seus povoados, transpassando todo e qualquer processo de ocultamento, Pinto (2012) assevera que:

As mulheres aqui se forjam personagens de suas próprias histórias. Ultrapassam as barreiras ideológicas do silêncio da historiografia para provarem que

são, igualmente, portadoras de poderes diante dos homens. Poderes nos mais diversificados âmbitos sociais, cuja simbologia procuro explicitar através deste estudo de relações de gênero. (PINTO, 2012, p. 4)

Sem dúvida, as mulheres amazônidas sempre forjaram personagens de suas histórias, carregando consigo todo um saber ancestral de um povo, que sobreviveu a um processo de apagamento histórico, mas que, também, resistiu para que suas raízes culturais permanecessem vivas, lutando e resistindo pelos seus filhos, filhas, netos e netas, reinventando-se a cada dia, desempenhando os papéis que forem necessários para sobreviver.

É válido ressaltar que, quando abordamos gênero, ainda há muitas lacunas a serem preenchidas. No tocante às mulheres amazônidas, discutir sobre gênero e relações de poder de forma generalizada torna-se muito vago. Em virtude disso, é necessário fazer o recorte que consiga dar conta do contexto sociocultural e biodiverso da Amazônia. Nesse sentido, de acordo Freire (2008), alguns pontos são essenciais para compreender essas relações de gênero dentro do território amazônico:

A construção do termo gênero como categoria de análise contribuiu muito para esses primeiros estudos, contudo, ainda é um termo não concluído. Importante considerar os alcances realizados em estudos sobre mulheres e homens a partir desse conceito, mas do mesmo modo é preciso considerar seus limites. Nesse sentido, a perspectiva de gênero aplicada ao contexto da realidade amazônica precisa ser analisada de forma crítica, não perdendo de vista os estereótipos imbricados pelo olhar exótico em que se naturaliza a cultura amazônica. (FREIRE, 2008, p. 1)

Nota-se que, para o contexto amazônico, há mulheres que necessitam de demandas específicas, não só por estarem em um contexto geográfico diferente como também por exercerem atividades e realidades de vidas específicas em uma diversidade etnocultural abrangente.

Em seus escritos, Freire (2008) infere acerca dos papéis sociais empregados a homens e mulheres no domínio do saber tradicional com plantas medicinais. Um deles é que as mulheres desenvolvem mais funções sociais que os homens, uma vez que:

As mulheres detentoras desse conhecimento agregam mais “funções” sociais que os homens. Elas, na medida em que conhecem de plantas medicinais, geralmente são rezadeiras e parteiras; já os homens não são parteiros, mais por uma questão que relaciona de modo “intrínseco” sexo, costumes e moral que coletivamente vê nisto como algo natural que seja desse jeito; pois, o que não ocorre no parto em hospital, onde existem médicas e médicos. (FREIRE, 2008, p. 3)

Tais mulheres aprenderam com suas antepassadas – mães, avós, sogras, tias –, muitas vezes por necessidade, a como auxiliar alguma mulher de sua comunidade que estivesse com dor para ter o neném quando não havia hospital próximo. Essas mulheres elaboram as mais diversificadas funções e afazeres no plano material ou espiritual, sendo parteiras, rezadeiras e médicas da mata, de forma a ajudar a curar os males que afligem membros de sua comunidade.

Sobre a multiplicidade de tarefas desenvolvidas por mulheres na Amazônia, Pinto (2004) afirma que:

Quando não domina determinada tarefa, desempenha outra. Um exemplo disso está quando algumas mulheres não sabendo utilizar a arma de fogo – a espingarda – para caçar, improvisam o mundé como armadilha para pegar caça, ou então iam para o igarapé pescar ou ainda “gapuiar”. (PINTO, 2004, p. 164)

Nesse sentido, notamos que as mulheres conseguem desempenhar o imprevisto de incontáveis papéis dentro de suas casas e seus povoados, atuando como chefas de famílias. A luta pela sobrevivência se torna sua principal arma, cujas histórias são necessárias, notadamente, e imprescindíveis para compreender um universo de entrelaçamento cultural e de resistências no desenrolar de suas vidas.

## 2. Mulheres e Remédios Naturais como Fonte de Autonomia e Renda

O processo de autonomia das mulheres vem de um longo processo histórico de ocultamento, não pelo fato de elas não forjarem suas histórias e lutas, mas sim por estarem inseridas num contexto histórico-social que pouco valorizava essas formas de sobrevivência.

Por outro lado, com o advento da História Oral e suas ferramentas, os estudos recentes possibilitam romper com a lógica ocidental patriarcal, na qual histórias de mulheres exercendo espaços de liderança e construindo seu cotidiano através de diversas formas de sobrevivência são apagadas. A partir de então, elas têm ganhado visibilidade. Nesse contexto, Perrot (2017) infere que:

[...] a pesquisa feminista recente por vezes contribuiu para essa reavaliação do poder das mulheres. Em sua vontade de superar o discurso miserabilista da opressão, de subverter o ponto de vista da dominação, ela procurou mostrar a presença, a ação das mulheres, a plenitude dos seus papéis, e mesmo a coerência de sua “cultura” e a existência dos seus poderes. (PERROT, 2017, p. 155)

Dessa maneira, é notório perceber que, ao longo de suas vidas, diversas mulheres escrevem e reescrevem suas histórias. Nesses processos de silêncios, ressoam os ecos e as histórias de mulheres que constroem e reconstróem seus caminhos, resistindo e reinventando-se para manutenção da sua vida e da vida dos seus cotidianamente; assim como os embates e as façanhas que elas elaboram para suprir as suas necessidades básicas.

À vista disso, historiadoras como Pinto (2012), em seus estudos, ressaltam os papéis centrais e norteadores que essas mulheres detêm, especialmente nos povoados quilombolas na região Tocantina, no Pará. Nesse sentido:

O “poder” e o saber feminino, assim como a sua luta pela sobrevivência, no Tocantins, são marcas visíveis delegadas por antigas quilombolas (suas ancestrais), as quais, através da reconstituição de suas memórias e de suas histórias, fixaram normas de trabalhos não estabelecidas pelo sistema patriarcal. (PINTO, 2012, p. 7)

Mulheres amazônidas e ribeirinhas possuem vivências múltiplas diante do contexto sociocultural em que estão inseridas. Isso posto, no dizer de Santos (2006), a cultura popular emerge, então, engajada à realidade sociocultural brasileira. No entanto, as singularidades são determinadas pelas histórias locais e pelas formas com que as pessoas se integram ao modelo econômico vigente e às variações de ambientes. Nesse cenário, o processo de reinvenção está sempre atrelado às formas de vida que elas vivenciam em cada espaço de atuação no cotidiano. Dessa forma, as experiências com o uso de plantas medicinais vêm ao encontro de uma de suas formas e subsistências. Diante disso, o saber repassado através das suas memórias as tornam sujeitas atuantes e com autonomia.

No que tange à reflexão dos saberes repassados de forma oral, através das memórias e vivências de nossos antepassados, importantes para o desenvolvimento desse estudo, só foi possível mediante a realização de entrevistas com mulheres que se destacam no município de Cametá (PA) e em toda a região do Tocantins, no que concerne ao trabalho desenvolvido com a manipulação de plantas medicinais. Nesse cenário:

Entende-se por planta medicinal qualquer vegetal produtor de drogas ou de substâncias bioativas, utilizadas direta ou indiretamente como medicamento. Os componentes químicos (ou grupos destes) que constituem os princípios bioativos das drogas não são meros subprodutos do metabolismo secundário das plantas que os produzem. Na verdade, representam propostas químicas dos seus medicamentos de interação com o meio ambiente. (BRAGANÇA, 1996, p. 16)

Nas entrevistas e em conversas de caráter informal, buscou-se saber como essas mulheres adquiriram esse saber e de que forma ele está presente em suas memórias e experiências cotidianas. Iniciamos esse diálogo com dona Nazaré Baía, de 64 anos, moradora do bairro da Baixa Verde, em Cametá, a qual, atualmente, trabalha com plantas medicinais, fazendo banhos, garrafadas e pomadas. Esta relata como obteve esse saber:

[...] minha experiência vem com trabalho desde que tenho 7 anos de idade. Eu não sei ler e nem escrever, tudo que eu sei é através das plantas e da natureza. Meu pai disse que antes dele morrer, ele deixava essa experiência comigo e foi assim que aconteceu. Eu sei fazer banho, puxar, fazer garrafada, sei fazer tudo graças a Deus, só com a minha inteligência que eu pude ter e consigo conviver com essa prática desde sempre. (Nazaré Baía Pompeu, Cametá-PA, entrevista realizada em 12/01/2023)

Mediante o exposto, podemos observar, nessa narrativa, que a dona Nazaré, através do saber repassado por seu pai, conseguiu estabelecer práticas de autonomia e sobrevivência com a manipulação de remédios naturais, fabricados a partir das plantas e ervas medicinais. Embora afirme que não tenha escolaridade, essa mulher exerce esse saber com amor, maestria e propriedade de deter conhecimentos que lhe são bastante peculiares. Sendo assim, o conhecimento de plantas, cascas, folhas, raízes, óleos, sementes e seivas medicinais transformou seu cotidiano, propiciando também uma geração de renda familiar.

É notável, portanto, que a prática dessa atividade tem gerado um retorno financeiro para a entrevistada, principalmente para auxiliar no sustento de sua família. A procura pelos remédios

manipulados por dona Nazaré é constante. Às vezes, pessoas de outras cidades encomendam suas garrafas, banhos ou pomadas para tratar de seus males. A Figura 1 retrata um pouco do cotidiano de dona Nazaré.

**Figura 1:** Dona Nazaré em entrevista



Fonte: Fotografia de Daniela Gaia

Na Figura 1, observa-se um cômodo da casa de dona Nazaré: a cozinha, na qual ela recebe as pessoas para conversar, atender à sua clientela e preparar seus remédios. É uma cozinha simples, mas cheia de afetos, de vida, de alegria, de uma mulher que tem prazer naquilo que faz. Sentada em seu banco de madeira, ela conversa muito bem a respeito da importância de cada planta, erva e do bem-estar que proporcionam ao corpo, dependendo da enfermidade enfrentada. Isso pois, a depender dos tipos de enfermidades, podem ser caracterizadas como doenças naturais e não naturais, conforme ressalta Pinto (2010):

Nos povoados rurais da região do Tocantins, os ofícios de parteiras, curandeira ou “experiente”, benzedoras e “concertadeira” ou “puxadeira” são expressos de maneira distinta. Dessa forma, parteira é mulher que se ocupa da função de fazer partos, “de ajudar a nascer”; a benzedora é aquela pessoa que reza através de reza e oração, atreladas a uma gama de gestos, cura os males considerados mais leves, como susto, dor de cabeça, quebranto, mal olhado. Já o termo curandeira ou “experiente” é designativo da mulher que, invocando ou controlando espíritos e encantarias, cura tanto males de ordem natural, como os de ordem espiritual ou sobrenatural como encantamentos, encostos e feitiços. (PINTO, 2010, p. 32)

Nessas condições, são múltiplas as histórias e as formas de aprendizagem relacionadas aos saberes dessas mulheres para reconhecer e manipular diferentes formas e partes de plantas e ervas

medicinais, visando tratar diversos tipos de enfermidades. Como ocorre com a entrevistada Benedita Silva de Andrade, de 65 anos, mais conhecida na região Tocantina por Lamparina, uma colaboradora desse trabalho que também relata como adquiriu esses saberes. Em seu relato, conta que, apesar de já ter domínios e práticas de manipulação com plantas medicinais pela vivência e observação no meio da sua família, tais saberes foram se intensificando na vida dela como “um chamado”:

[...] a minha vó benzia, ela puxava, ela era parteira, a mãe do meu pai, mas foi só quando eu apanhei uma enfermidade muito grave e com uma forma de milagre eu melhorei e prometi que ia fazer o que Deus me guiasse pra fazer, dois meses depois fui embora pro Paruru<sup>1</sup> e Dom José Elias Chaves mandou uma carta pra nossa comunidade pedindo pra uma pessoa disponível pra fazer o curso de plantas medicinais e uma senhora da comunidade falou meu nome, quando a comunidade mostrou a carta eu lembrei da promessa que eu fiz e eu me comprometi. Tomei como se fosse um chamado. (Benedita Silva de Andrade, Limoeiro (PA). Entrevista realizada em 01/02/2023)

É possível perceber, na narrativa de Dona Lamparina, que, a despeito de sua avó utilizar práticas com plantas medicinais, o dom para trabalhar com o manuseio delas surgiu mesmo quando ela enfrentou uma enfermidade grave, seguida do convite que recebeu para realizar um curso acerca do uso de plantas medicinais, momento que a levou a refletir sobre a promessa que fizera e, assim, a partir daquele momento, passaria a trabalhar com a prática das plantas medicinais.

Dona Lamparina é comprometida de tal forma com o que faz que separou, em sua casa, um espaço para o trabalho com os remédios feitos de plantas e ervas, com poderes terapêuticos. Nesse espaço, ela recebe as pessoas que vêm contar suas enfermidades, conforme é retratado na Figura 2 a seguir.

**Figura 2:** Benedita Silva e sua farmácia popular



Fonte: Fotografia de Daniela Gaia.

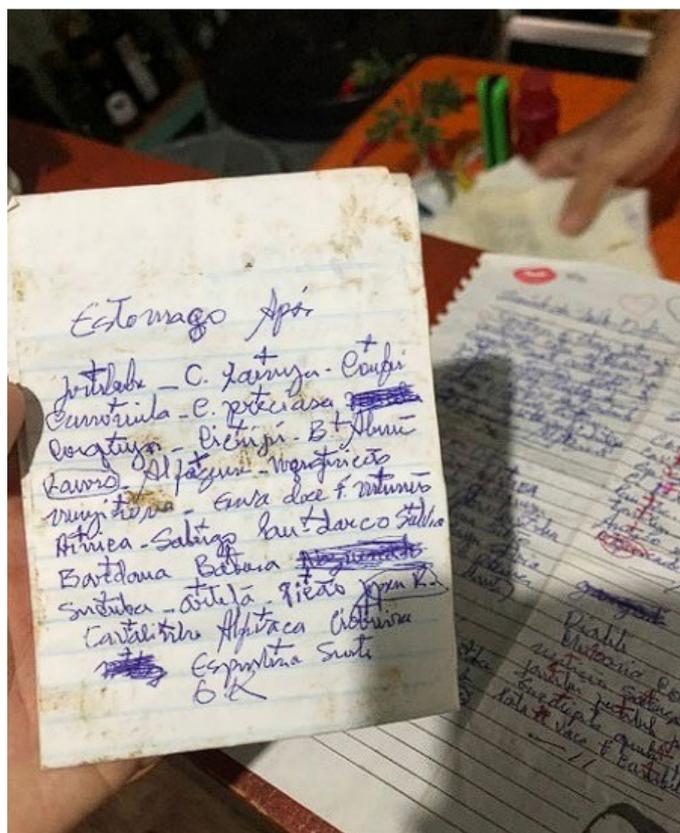
<sup>1</sup> Ilha localizada no município de Cameté (PA).

Na Figura 2, é notável que, nesse ambiente, encontram-se remédios naturais, como: xaropes, garrafadas, pomadas, entre outros medicamentos, produzidos a partir da manipulação de folhas, cascas de pau, raízes, sementes e óleos. Estes, depois, são expostos em sua farmácia popular com a finalidade de serem vendidos às pessoas vindas de diversas localidades da região, que a procuram para se consultar e comprar esses remédios para tratar suas enfermidades.

Nesse panorama, conforme afirma Pinto (2010), as diferentes partes das plantas, como folhas, raízes, sementes, são manipuladas em chás, xaropes, pomadas, óleos e sucos. Sendo assim, plantas e ervas com poderes medicinais estão presentes nos diversos territórios amazônicos, fazendo parte das variadas práticas ancestrais de cura desenvolvidas por mulheres e homens (PINTO, 2010). Esses saberes foram – e são – transmitidos pela tradição oral a partir dos mais velhos, que carregam consigo os conhecimentos dos produtos extraídos da floresta, que exercem papéis de fundamental importância na vida daqueles que os procuram para cuidar dos males do corpo.

Da mesma forma, também é possível encontrar receitas escritas à mão (apresentada na Figura 3) por dona Benedita, que sempre faz questão de reforçar que é preciso muito cuidado e cautela na feitura dos remédios.

**Figura 3:** Receita para curar dor no estômago escrita à mão por Benedita Silva (Lamparina)



Fonte: Fotografia de Daniela Gaia.

A Figura 3 registra as inúmeras receitas em cadernos de anotações escritas à mão por dona Benedita. São notórios, também, os tipos de plantas utilizadas na composição de alguns desses remédios, que são receitados para o tratamento de diferentes enfermidades, como dor de estômago.

Dona Benedita utiliza cadernos para anotar as receitas e as entradas e saídas de sua farmácia, além dos contatos das pessoas que a procuram. Também anota as receitas que intercambia e par-

tilha com outras mulheres que exercem o mesmo ofício. No que tange à formação das técnicas de manipulação das plantas, dona Benedita narra como se deu:

[...] só que a minha formação, filha, foi feita na área de assessoria sobre plantas medicinais. O curso era a prelazia que custeava tudo, as viagens para as comunidades e municípios. Só que depois, com um tempo, eu via necessidade de mudar de área, porque eu via a doença e eu te ensinava a fazer o remédio, só que tu não eras muito preparado pra fazer a composição. Daí veio a ideia de eu abrir essa farmácia e preparar os remédios naturais. (Benedita Silva de Andrade, Limoeiro (PA). Entrevista realizada em 01/02/2023)

A partir dessa fala, observa-se que dona Benedita, a princípio, tinha como função repassar seus conhecimentos sobre as plantas medicinais através da oferta de cursos custeados pela Prelazia de Cametá. Os cursos que ministrava eram realizados nas comunidades ribeirinhas e rurais de Cametá e de outros municípios da Amazônia Tocantina. Com o passar do tempo, vendo que os habitantes dessas comunidades a procuravam para que os ensinasse como fazer os remédios e para curar suas enfermidades, ela menciona que sentiu necessidade de ensinar, assim como de abrir uma farmácia popular e produzir seus próprios remédios naturais, com a finalidade de deixá-los à disposição das pessoas que a procuram.

As falas das mulheres entrevistadas, que colaboram com este estudo, evidenciam que os recursos utilizados no cuidado da saúde das pessoas que residem nesses recantos da região Amazônica são encontrados nas florestas, às margens dos rios e igarapés, ou são cultivadas nos quintais, pelos arredores das residências, geralmente em vasos e paneiros, que ficam suspensos em jiraus feitos de madeira, transformando-se em farmácia viva, para a qual se recorre quando há necessidade de tratar algum tipo de enfermidade, cuidar da saúde e evitar o processo de adoecimento.

A narrativa de outra colaboradora deste estudo, Dona Maria da Glória, de 69 anos, came-taense, parteira, líder sindical, atuante na luta das mulheres, traz memórias e histórias de seus antepassados em relação aos conhecimentos e saberes acerca do uso de plantas medicinais, que são repassados mediante as práticas, as experiências e a observação de uma geração para outra no seu grupo familiar:

[...] eu adquiri o conhecimento a respeito das plantas medicinais vendo o que a minha mãe fazia e o que a minha mãe já fazia. Ela aprendeu com os antepassados dela, com a mãe, com avó, com o pai. Minha mãe era extrativista de óleo de andiroba<sup>2</sup>, óleo de ucuuba<sup>3</sup>, de produtos naturais, e eu indagava muito sobre o que ela fazia. E ela dizia que ela não aprendeu muito em nenhuma escola, mas aprendeu com os pais dela e com os avós dela o conhecimento tradicional que veio de geração. E ela se dedicou a aprender e nos ensinar. Sempre que a minha mãe tava fazendo alguma coisa, plantando ou extraindo óleos, a gente, desde muito novo, fazia junto com ela e eu guardo até hoje a memória e o saber que ela nos repassou. (Maria da Glória Rodrigues Gaia, Cametá (PA). Entrevista realizada em 09/02/2023)

<sup>2</sup> O óleo de andiroba possui uma cor amarela e é bastante amargo, normalmente utilizado para baques, inchaços, reumatismo, cicatrizações e recuperação da pele. Ele tem propriedades anti-inflamatórias, cicatrizantes e inseticidas.

<sup>3</sup> O óleo de ucuuba é muito utilizado na região para fabricação de velas. A fruta da ucuuba tem valor medicinal no tratamento de doenças como reumatismo e câimbras.

Partindo dessa narrativa de dona Glória, é possível captar que a curiosidade, conforme é ressaltada em sua fala, foi inerente para o seu aprendizado. A dedicação para aprender a usar as plantas e as ervas medicinais, vendo e experimentando o que as pessoas mais velhas faziam nas comunidades, mostra-nos a importância da observação e o de fazer junto, agregando valores culturais e sociais a esses atos.

**Figura 4:** Dona Glória na preparação dos remédios



Fonte: Fotografia de Daniela Gaia.

**Figura 5:** Preparação de pomada para uso na puxação das pessoas



Fonte: Fotografia de Daniela Gaia.

As Figuras 4 e 5 retratam como dona Glória prepara os remédios para curar as enfermidades das pessoas que a procuram. Esses remédios são imbuídos de todo conhecimento tradicional, agregando as vivências que dona Glória detém inter cruzadas com sua religiosidade e energizadas pelos conhecimentos e saberes dos seus antepassados.

Perante as falas das mulheres entrevistadas, relacionadas aos estudos de Portelli (2016), compreendemos que a história oral não diz respeito apenas ao evento, mas sim ao significado do evento na vida dos narradores. Para Maria da Glória, todo saber repassado por seus antepassados são memórias de um passado lembrado, sobretudo, por intermédio das práticas tradicionais do uso de plantas medicinais em seu cotidiano.

Sendo assim, é visível que esse entrelaçamento de memórias carrega consigo simbologias, ao passo que dentro dessas simbologias se preservam o saber tradicional, os conhecimentos e os saberes de sua gente, que podem ser repassados de diversas maneiras. Nesse processo de estudar tais saberes, é relevante notar o valor deles na vida das pessoas, visto que essas mulheres guardam e repassam histórias de vidas, saberes e memórias de forma muito coletiva, afetiva e expansiva. Dessa maneira, conforme enfatiza Portelli (2016, p. 18), “a história oral, então, é história dos eventos, história da memória e história da interpretação dos eventos através da memória. A memória, na verdade, não é um mero depósito de informações, mas um processo contínuo de elaboração e reconstrução de significados”.

Nesse sentido, as narrativas e as histórias de vida dessas mulheres corroboram com a relação íntima que elas estabelecem com a natureza e com os usos que dela fazem. Além disso, é percep-

tível que esse processo, imbuído de memórias, histórias, práticas, experiências e saberes, é repassado oralmente de uma geração para outra. A ressignificação desses saberes ocorre no cotidiano de acordo com a vivência de cada uma, dependendo do espaço no qual cada uma vive e convive. Assim sendo, a formalidade desse processo nas relações pessoais resulta em vínculos de amizade e de geração de renda para essas mulheres, que antes realizavam somente atividades domésticas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No percurso do presente estudo, as narrativas dessas mulheres possibilitaram compreender a importância de saberes populares na vida e no cotidiano das pessoas que as rodeiam e confiam em suas práticas. Ao revisitar suas memórias e suas histórias de vida, observa-se que carregam consigo o saber tradicional entrecruzado por diferentes culturas. Mulheres que ressignificam e reescrevem suas histórias como protagonistas de seu tempo, ainda que, por muitas vezes, invisibilizadas, tornam-se sujeitas de suas histórias e transformam o modo de viver de seu grupo social.

É importante ressaltar que, durante a realização das atividades de pesquisa para este estudo, as entrevistadas narraram que seus saberes foram e são passados de diferentes formas, seja por meio da convivência e aprendizado com algum antepassado, seja por cursos ofertados pela prefeitura de Cametá. Em todos os casos, a relação de cuidado com a natureza está presente, sendo perceptível em suas falas e em suas vivências e experiências cotidianas. Afinal, é através da natureza que elas também conseguem exercer sua autonomia.

No mesmo sentido, notou-se de que forma o contato com o saber tradicional acompanhou essas mulheres desde muito jovens. A partir de suas narrativas, observa-se que elas aprendiam no ouvir, no fazer junto e fazer quando fosse necessário. Em decorrência disso, a oralidade, na transmissão desse saber tradicional, é uma das formas de transmissão para as gerações mais jovens.

Portanto, este estudo favoreceu a compreensão do universo em que essas mulheres estão inseridas, assim como a maneira como elas manipulam as plantas medicinais, o que se torna um dos principais modos de manutenção das relações sociais e de vida. E, assim, a partir dos preparos de banhos, garrafadas e pomadas, escrevem suas histórias e ajudam no cuidado da saúde de sua gente na região Tocantina.

## REFERÊNCIAS

- ALAMBERT, Zuleika. *A história da mulher: a mulher na história*. Brasília, DF: Fundação Astrojildo Pereira/FAP; Abaré, 2004, 200p.
- BRAGANÇA, L. A. R. *Plantas medicinais antidiabéticas: uma abordagem multidisciplinar*. Niterói: EDUFF, 1996.

DIAS, Maria Odila da Silva. *Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

FREIRE, Priscila. *Gênero e saberes da Amazônia: Reflexões sobre saúde e conhecimentos tradicionais. Fazendo gênero 8 - corpo, violência e poder*, Florianópolis, 2008.

PERROT, Michelle. *1928 – Os excluídos da história [recurso eletrônico]: operários, mulheres e prisioneiros*. Seleção de textos e introdução de Maria Stella Martins Bresciani. Trad. Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

PINTO, Benedita Celeste de Moraes. *Filhas das matas: práticas e saberes de mulheres quilombolas na Amazônia Tocantina*. Belém: Açáí, 2010.

PINTO, Benedita Celeste de Moraes. *Gênero e Etnicidade: histórias e memórias de parteiras e curandeiras no norte da Amazônia*. *Revista Gênero na Amazônia*, Belém, n. 2, jul./dez. 2012.

PINTO, Benedita Celeste de Moraes. *História, memória e poder feminino nos povoados amazônicos*. In: XI Encontro Nacional de História Oral: Memória, Democracia e Justiça. 10 a 13 de julho, Rio de Janeiro, 2012. *Anais eletrônicos*.

PINTO, Benedita Celeste de Moraes. *Nas veredas da sobrevivência: memória, gênero e símbolos de poder feminino em povoados amazônicos*. Paka Tatu: Belém, 2004.

PORTELLI, Alessandro. *Memória e Diálogo: desafios da história oral para a ideologia do século XX*. In: ALBERTI, V.; FERNANDES, T. M.; FERREIRA, M. M. *História oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2000. 204 p.

PORTELLI, Alessandro. *Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na História Oral*. *Revista do Programa de Estudos de Pós-graduados em História*, São Paulo, n. 15, abr. 1997.

PORTELLI, Alessandro. *História oral como arte da escrita*. Trad. Ricardo Snatiago. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

SANTOS, José Luiz dos. *O que é cultura*. São Paulo: Brasiliense, 2006.

SHARPE, Jim. *A história vista de baixo*. In: SHARPE, Jim; SCOTT, Joan; WESSELING, Henk; LEVI, Giovanni. *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992.